# Culto às nossas origens (Portugal)

Caio Lóssio Botelho (*)

Para se compreender a evolução estrutural de um Povo e de uma Nação, temos inexoravelmente de identificar o seu conteúdo espiritual(moral) e cultural, dado o caráter de permanência destes elementos no espaço social. Eles selecionam e transformam numa postura dialética o ajustamento, a conciliação e a síntese de sua estrutura, com o processo integrativo-geográfico (ecológico) e antropológico.

Com o decorrer da História, o homem num processo dialético, procura melhor se organizar no espaço, para saber nele melhor reagir, pois cabe à sociedade transformar este espaço a serviço do próprio homem.

A unificação dos Estados, com regiões culturais heterogêneas, tem indubitavelmente de se apoiar num poderoso elemento político, que resulte da imposição dos padrões de uma Nação sobre as áreas adjacentes. Exemplo típico, na Península Ibérica, foi o caso da Nação Castelhana que teve um papel polarizador e unificador do Estado Espanhol.

Em Portugal, a origem da Nação se deveu também à vontade política de um Príncipe (D. Afonso Henriques), que encontrou no mar o elemento indispensável para sua formação e expansão. Foi o mar que desligou o País do corpo ibérico, pelo mar veio ao auxílio de que necessitava para a organização territorial definitiva (soberana política), pelo mar veio depois a (sua) expansão lusa no mundo, livrando mesmo o País do desaparecimento na confusão das nacionalidades ibéricas. Portugal, criou também uma filosofia de colonização dos trópicos, estabelecendo uma harmonia perfei-

---

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará

ta entre a colonização antropológica e a colonização ecológico-mesológica (geográfica).

O português misturou a raça, a língua, o amor e fez da Terra o seu leito de nações. Estendeu não apenas as fronteiras políticas de sua pátria conduzindo os mesmos hábitos, o mesmo idioma, a mesma ternura, o mesmo carinho, para a criação de novas nações com amor universal.

A afeição, a lhaneza, o aconchego, a hospitalidade, a gratidão propiciaram ao povo português a universalidade da cultura lusa.

O grande mérito da Nação Portuguesa foi o estabelecimento de uma política transnacional de cultura e civilização, através da perfeita integração da colonização antropológica com a colonização ecológica, tendo na Escola de Sagres (verdadeira Universidade Náutica) o seu centro de irradiação para a construção da maior Nação dos Trópicos no Mundo e a criação do maior Espaço Geográfico do Planeta a falar uma só língua, a Portuguesa, que é o nosso Brasil, por nós(hoje) cognominada A Europa dos Trópicos.

Portugal estendeu além-mar a sua fronteira espiritual, fincando raízes com uma base numa lusitanidade que enobrece a nossa sociedade universal. O ponto de irradiação da cultura lusitana foi, indubitavelmente, a Escola de Sagres, verdadeira Universidade Náutica do passado, no período das navegações marítimas, que teve papel análogo ao que tem hoje o Centro Espacial de Houston (verdadeira Universidade Náutica da Era Espacial), pois, além de comandar o processo tecnológico da arte de navegar daquele tempo, foi responsável pela filosofia de colonização do mundo lusitano.

A Universidade Náutica de Sagres se notabilizou tanto na educação como na técnica e na extensão.

Na educação, os seus sábios estabeleceram uma nova concepção do mundo, procurando estabelecer uma visão unitária de nosso Planeta, e instrumentalizando as primeiras tentativas de organização do espaço, retratando o espírito da nacionalidade lusa. Com esta postura, se verificou uma verdadeira humanização do espaço natural, ocorrendo, assim, a dilatação do nosso mundo, dentro de uma cosmovisão. Por outro lado, a dilatação da fé cristã se constituiu no elemento cultural de maior realce dessa Instituição.

Na técnica, Sagres se tornou o maior centro de pesquisa de sua época, construiu sofisticados aparelhos de medição de latitude e longitude, como o astrolábio, elaborou cartas portulanos, identificou acidentes geográficos com uma precisão significativa, como o Cabo Frio no Estado do Rio de Janeiro, último ponto do território sul-americano que recebe a influência da Corrente Marítima Fria das Malvinas. Coube a esta Escola a redefinição geográfica de nosso Planeta, mostrando pela primeira vez que a Terra é um Planeta Marinho, e não um Planeta Telúrico, como queriam os antigos gregos.

Na extensão, expandiu a língua, as instituições portuguesas e a religião católica, em todos os continentes do Planeta, estabeleceu uma colonização ecológica nos Trópicos, criou uma verdadeira democracia-antropológica, incentivando o cruzamento de raças e povos. No Direito Internacional, estabeleceu a Doutrina *Uti Possidetis, Ita Possideatis* (como possuis, assim continuais possuindo) permitindo destarte através do Tratado de Madrid a derrocada da Linha de Tordesilhas e a expansão do espaço brasileiro no continente sul-americano.

A premeditada política científica, posta em prática por Portugal na colonização do Brasil, muito concorreu para a nossa grandeza e unidade territorial. Os portugueses transformaram a epopéia do mar em epopéia da terra: os intrépidos navegadores se transformaram em destemidos bandeirantes. O nosso povoamento prematuro fez coincidir o nosso espaço físico com o político.

Um dos fatos impressionantes para quem se dedica ao estudo da Geografia, da História e da Ciência Política é o da unidade da América Portuguesa em face ao esfacelamento político da América Espanhola. A explicação de tão discutido tema só encontrará talvez uma justificativa clara, precisa e concisa, através da integração e coesão feitas entre o Povo, a Nação, sob égide da política lusa.

É preciso que acabemos, de uma vez por todas, com o mito de que, se o Brasil tivesse sido colonizado pelos holandeses, ingleses ou franceses e espanhóis, estaria em melhores condições políticas, sociais e econômicas. Desfaçamos essa injustiça contra os portugueses, aqui mesmo na América (do Sul), ao analisarmos a situação do Suriname, da República da Guiana (ex-Britânica) e

Guiana Francesa, em face do progresso do Brasil. A fragmentação política da América Espanhola face à unidade da América Portuguesa é maior prova da grandeza lusitana na colonização dos trópicos.

A ocupação dos pontos estratégicos ou básicos, da América do Sul, pelos portugueses, denota também a sábia política lusitana.

Ao lançarmos os olhos num mapa da América do Sul, verificamos logo que os pontos estratégicos deste continente são:

A foz do Amazonas, a Foz do Prata, o litoral do Atlântico, o litoral do Pacífico, o Centro Geográfico da América do Sul e a linha divisória de águas das Bacias do Prata e Amazonas. Imediatamente, depara-se-nos um fato curioso: ser o Brasil detentor da maioria destes pontos estratégicos. Ora, a ocupação, por parte de Portugal, destes pontos básicos na América do Sul concorreu, efetivamente, para a nossa grandeza territorial, pois pôde este País lusitano controlar a penetração dos colonos para o interior deste Continente. Sabemos que o Brasil apresenta a sua maior largura na parte Norte do País e este fato, sem dúvida, foi o resultado da ocupação, pelos portugueses, do nariz geopolítico da América do Sul (o Nordeste) e da Foz do Amazonas. É ponto pacífico, em Geopolítica, que o povo ocupante da foz de um rio tende a dominar a maior parte da sua Bacia. Foi isso justamente o que aconteceu com os portugueses em relação ao Brasil: apossando-se da foz do Amazonas, legou-nos (a ocupação) a maior parte desta Bacia Sul-Americana. Daí se verificar, ainda hoje, uma inflexão geopolítica do Brasil até suas nascentes. A incorporação, por parte do Brasil, de regiões reconhecidamente subplatinas, como trechos das Bacias do Paraná, Paraguai e Uruguai, deve-se talvez à fundação de Sacramento e Montevidéo, por Portugal, em plena foz do Prata, para neutralizar a pressão política de Buenos Aires, constituindo verdadeira cabeça-de-ponte em pleno coração da Bacia Platina. Não ficamos com Montevidéo, mas graças ao aparecimento dessa Ilha Portuguesa (Colônia do Sacramento), no Oceano Platino Espanhol, conseguimos a incorporação política, social, econômica e cultural do Rio Grande do Sul e regiões adjacentes.

O célebre historiador Frei Vicente do Salvador combateu a colonização do Brasil pelo processo em que afirmava: "o português se arrastava como caranguejo, ao longo do litoral do Brasil."

No entanto, através da Geopolítica, notaremos quão vantajosa foi essa política de tamponamento do litoral brasileiro, por parte de Portugal, pois a mesma concorreu para, além de vitalizar a linha do litoral brasileiro, evitar também a formação de exclaves extra-lusitanos, ao longo do litoral sul-americano, assegurando a Portugal fazer a dilatação desta fronteira política do litoral até os confins do Planalto Central, quando os bandeirantes levaram, em seus ombros, a Linha de Tordesilhas, indo deixá-la em pleno coração da América do Sul.

A cultura nacional é um fenômeno do espírito coletivo e resulta da combinação de muitos elementos, encerrando em si, a cultura de um povo, que transforma a diversidade em uma unidade no espaço (processo geográfico), ao longo do tempo (processo histórico).

No estudo da cultura, segundo Jorge Dias, podemos distinguir dois elementos básicos: a cultura local e a cultura superior. A cultura superior não é um simples somatório das diversas culturas locais ou regionais, mas sim uma integração, uma conciliação e uma síntese destas, de onde resulta uma nova cultura, onde as culturas regionais estão contidas, embora transformadas por uma espécie de fenômeno dialético de sublimação espiritual. A cultura local ou regional têm caráter ecológico e resulta do conflito entre a vontade do homem (sua sociedade), o ambiente e a tradição; aí o elemento ambiente natural é substituído pelo ambiente histórico (cultural e social), onde os fatores geográficos, mesológicos, ecológicos continuam a atuar mas de maneira menos visível. A cultura regional dá apenas suporte à cultura superior. Destaque-se que, com a elevação do nível de educação, as culturas regionais tendem a desaparecer, dando margem a uma unidade nacional.

Se os fatores mesológicos são insuficientes para explicar os fenômenos culturais, nem por isso podemos negar a sua ação profunda, haja vista que a expansão portuguesa, ao contrário da espanhola, é mais marítima e integradora do que o da Nação Espanhola. A força atrativa do Atlântico foi o elemento catalisador, indutor, polarizador da alma da nação lusa; foi indubitavelmente esta força atrativa do mar, que escreveu a história da Terra e da Nação Portuguesa.

Note-se, por outro lado, que o americano foi o responsável pela grandeza física territorial dos Estados Unidos, pois quando esta Nação obteve sua soberania política, o seu espaço territorial limitava-se uma faixa do Atlântico até os Montes Apalaches ou Aleganis, e hoje alcança o Pacífico; no caso do Brasil, foi o português que nos legou a nossa grandeza territorial, pois ao deixar o Brasil, com nossa soberania política, nos era entregue um território com mais de 8.500.000Km2 (o 5º espaço político do mundo), e que se constitui hoje no(a):

- Maior e mais adiantado País do Hemisfério Sul;
- Maior e mais desenvolvida Nação dos Trópicos no Mundo;
- Único Estado do Planeta, onde o País, o Povo e a Nação se integram numa harmonia e numa unidade perfeitas;
- Único Estado da Terra, onde a cultura lusa depois de sofrer um ajustamento ecológico e antropológico, criou uma cultura própria, tropical e, sobre esta cultura, se está construindo uma civilização tropical, a maior do Planeta; diferentemente dos antigos gregos, que construíram a maior cultura da antigüidade, mas que não tinham civilização (pois lhes faltava a tecnologia) e dos Estados Unidos, que construíram maior civilização da Terra (constituindo-se no maior centro tecnológico do Planeta), mas sem cultura própria, pois esta é totalmente importada, sobretudo da Europa;
- Maior espaço geográfico do Mundo, onde se fala uma só língua, a Portuguesa.